

COMO PENSAR IDENTIDADES DISSIDENTES NA LITERATURA?

O dossiê *Litterata, política e dissidências sexuais e de gênero* na *Revista Litterata* teve como objetivo reunir textos que analisam obras que problematizem as normatizações, normalizações e patologizações das subjetividades ex-cêntricas e as performatividades de gênero binárias. Esse dossiê ganha ainda mais importância neste momento histórico pelo qual passa o Brasil, em que o conservadorismo censura exposições artísticas, a exemplo do *Queermuseu*, critica corpos nus em performances ou tenta impedir a realização de um evento com a participação da feminista Judith Butler, em São Paulo.

As estéticas e as pessoas pensadoras, produtoras e artistas estão sendo atacadas e se torna urgente resistirmos e nos apropriarmos, cada vez com mais intensidade, do poder das (re)existências nas artes. Que marcas políticas e de resistências contraculturais podemos encontrar na literatura? Como e o que escrevem os autores e autoras em suas produções que chocam, pensam, debatem, interpretam as identidades sexuais e de gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais das diferenças?

Os textos do dossiê podem nos auxiliar a responder essas e outras perguntas. A finalidade é proporcionar discursos e diálogos de fontes férteis, reunindo saberes que promovam e estimulem continuamente críticas e noções – não somente pelas Letras e Artes, mas de áreas afins e interdisciplinares –, com tomadas de posições conscientes e políticas e capazes de enfrentar os tempos inglórios e coléricos nos quais estamos assolados/as.

Os textos aqui reunidos apresentam as relações entre literatura, política e cultura por análises oriundas de diversos campos de investigação. Alguns artigos analisam os temas vinculados a um período literário, buscando problematizar as normas que incidem sobre os gêneros e as sexualidades. Em outros estudos, sobre narrativas de ficção, poesias e demais gêneros textuais, as leituras se mostram interpretativas aos paradigmas e às normatizações sistemáticas de culturas ocidentais judaico-cristãs, como os procedimentos sobre críticas à heteronormatividade, que ganham um corpus de reflexões sobre o caráter político e ativista das obras analisadas.

Assim, Guilherme Augusto da Silva, em **No sonho e na astrologia: o sexo nas estrelas em Triângulo das Águas, de Caio Fernando Abreu**, analisa cenas sexuais na obra do autor gaúcho. Pelo viés analítico do literário e da crítica dentro da perspectiva de Bachelard, a questão da liberdade erótica é vista em três novelas do autor, com destaque para o ato sexual a três, instigando pontos

nodais do corpo: a masturbação, a sinestesia e o onírico. A embriaguez do narrador-personagem é situada por meio da sedução e Guilherme analisa como as metáforas incitam os órgãos sexuais na perspectiva de rompimento com a estrutura social.

Sarug Dagir Ribeiro e Fábio Roberto Rodrigues, em **Sujeira, Xenitéia e Parresía em Roland Barthes**, retomam a literatura sadiana, quando vinculam a sujeira à reflexão de o sujeito se relacionar e viver junto a esta. Para os autores, Barthes trata da matéria por um olhar sociopolítico, ao desconstruir o aspecto do imundo para além das normas e classificações psicopatológicas das parafilias. O pressuposto psicanalítico e filosófico permite fundamentar o texto, ao questionar que a relação entre *Sujeira, Xenitéia e Parresía* é notoriamente focada em rupturas e subversões. Eles operam em função dos padrões de comportamentos sexuais, linguagens e estilos literários, além de focar o pensamento das sexualidades dissidentes para a criação de novas formas de existência.

Próximo ao argumento sobre dissidências sexuais, Daniel da Silva Moreira mostra, em **A fundação de uma escrita autobiográfica dissidente: os diários de Lúcio Cardoso, Walmir Ayala e Harry Laus e a tematização da homossexualidade**, como, entre os anos de 1940 e 1960, os três autores construíram diários em que a homossexualidade rompe barreiras do silêncio, de modo a enunciar, pela primeira vez na literatura brasileira, a representação da identidade homossexual. O autor analisa fragmentos escolhidos dos textos e mostra a imagem que os diários constroem sobre o sujeito gay. A escrita protagoniza a esfera do privado e revela, dissemina para o público, como a arte e a vida posicionam desejos, identidades, medos, afetos que são visados na autoanálise e, sobretudo, como a literatura pode dar sentido às múltiplas existências.

Assim também, em **Corpo abjeto e identidade desviante em “Pequeno Monstro”, de Caio Fernando Abreu**, Rosicley Andrade Coimbra aponta para dois aspectos relevantes para compreender outro conto de Caio. Para isso, a autora usa o conceito de abjeto pelo lugar do excesso e como o indivíduo precisa se livrar das normas para se constituir como sujeito. Para a autora, em Caio F., a presença do “outro” é posta como conflituosa ao apontar a identidade pelo percurso do desvio.

Em **Personagens travestis de Cassandra Rios: subversão e resistência**, Carlos Eduardo Albuquerque reflete sobre a obra literária de Cassandra Rios como pioneira para visualizar a travesti em *Uma mulher diferente* (1965). De acordo com o autor, a obra de Cassandra produz as personagens que rompem os dogmas tradicionais de gênero e sexualidade. Por ser comprometida na subversão do biopoder, principalmente em função do período histórico brasileiro em que a obra foi produzida, quando a ditadura militar dava ordens e impunha disciplina, a mulher diferente criava outros espaços diversos em ataque ao binarismo.

Em se tratando do polo binário da construção literária, José de Alencar se atém à mulher como “rainha do lar” ou como “prostituta”. Observando-as em três romances do autor (*Lucíola*, *Diva* e *Senhora*), Renato Drummond Tapioca Neto apresenta, em **“Rainha do Lar” e a “Mulher da Vida”: a construção das imagens femininas em José de Alencar**, os aspectos conservadores e moralistas da sociedade brasileira durante as décadas de 1850 a 1870. Os perfis históricos da mulher oitocentista são analisados com a posição da cortesã e da domesticada do lar como imagens estereotipadas do feminino no século XIX.

Na história literária, o século XX é marcado por outro constructo cultural em que o grotesco é desvinculado da ação moral em detrimento do crítico. Assim, em **Rir para ruir: o cômico e o grotesco no Quarto Proibido da Casa Assassinada**, Frederico van Erven Cabala vê na carga irônica de Lúcio Cardoso o reflexo do grotesco e do cômico para potencializar outras vidas que não sejam atadas às imposições do gênero. Pela densidade dramática da novela, o personagem Timóteo, do romance *Crônica da casa assassinada* (1959), se acerca do viés paralelo para marcar-se como sujeito. Do ponto de vista da reflexão do texto, a forma com que o riso e o grotesco em Timóteo se aliam revela um dispositivo corrosivo de poder que visa desestabilizar uma ordem e uma moral vigentes no universo ficcional contemporâneo.

Em **“¿Cuántas mujeres hay en el Consejo de Amaw’tas?” Traduciendo políticas de género en *De cuando en cuando Saturnina***, a tradução das políticas de gênero nos Andes é enunciada na relação entre tradição e modernidade. Para o autor Christian Elguera Correio, existe uma reinvenção da tradição quando se visualiza a subversão e a marginalização da mulher, sendo amparada nos contextos sociais marcados pelo poder do masculino local. Em *De cuando en cuando Saturnina* (2004), de Alison Spedding, o autor do texto mostra o discurso hegemônico sendo desconstruído, a exemplo dos indígenas, que enfatizam a descolonização como dever de reconhecimento, em se tratando do espaço de agenciamento da política de mulheres que tomam lugar nos últimos tempos do espaço andino.

Viviane Carvalho Lopes Correio e Sandra Sacramento Correio, em **A liderança da mulher negra no romance *Mandigas da Mulata Velha na Cidade Nova: a construção sociocultural brasileira***, consideram a crítica feminista como interlocutora de análise, visto os embates do protagonismo da negra no contexto sociocultural brasileiro. A obra de Nei Lopes, evidenciada pela leitura das autoras, configura a representação literária afro-brasileira diante de suas múltiplas faces, assim como enaltece as raízes e a ancestralidade africanas nos seus deslocamentos para o espaço

cultural baiano, na medida em que toca os sentidos das identidades raciais e os modos de construção da mulher que permeiam o relato e a base crítica produzidos pelas autoras.

Em **Palavras de luz e sombra: formas de subversão em *Rútilo nada*, uma narrativa de Hilda Hilst**, Maykol Vespucci Correio reflete sobre o relacionamento entre as personagens Lucius e Lucas, quando dá ensejo à focalização de discursos que brotam do regime social e cultural da heteronormatividade. De acordo com o autor, a subversão de normas impostas se constrói por pontos de alteridade constantes na forma entre os gêneros textuais, um procedimento de leitura crítica de Hilst que o autor proporciona falar de estranhamentos e que estão relacionados ao discurso *queer* e à normatização de gêneros, quando se reportar para a quebra de valores e para as instituições datadas.

O enunciado do erótico entre homens também toma o devido rumor no sentido *queer* da palavra, quando atesta o lugar do falo. Em **Com o Falo na Boca: ativismo literário**, Tales Santos Pereira e André Luis Mitidieri percebem o quanto a marginalidade na obra *Falo*, de Paulo Augusto, passa a ser compreendida pela condução do poeta de construir o espaço identitário dominado pelo universo heterossexista e patriarcal brasileiro. A procura pelo tempo de transformações, a partir da poesia marginal dos anos 70, gera toda pulsante voz que desautoriza os cênicos poderes e ganha uma leitura crítica e projetada na esfera transgressora da poética com a qual as reflexões estão pautadas. Boa leitura.

Leandro Colling¹
Paulo César García²
Organizadores

¹ Professor Permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, ambos da Universidade Federal da Bahia. Coordenador do Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade (NuCuS). E-mail: leandro.colling@gmail.com.

² Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia. Atua nos Grupos de Pesquisa: Enlace (UNEB) e Cultura e Sexualidade (NuCuS) da (UFBA), além de ser associado colaborador do Grupo Intersexualidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras – Universidade do Porto, em Portugal. E-mail: pgarcia@uneb.br.